



RUI GAUDÊNCIO



Primeiro voo de regresso de Maputo para Lisboa, ontem, acabou em espera

Nova vaga Sem vacinação, “estaríamos, neste momento, com mil pessoas nos cuidados intensivos”

Clara Viana

Vacinas “estão a perder eficácia” na protecção contra a infecção, mas continuam a travar doença grave

O epidemiologista Manuel Carmo Gomes estima que entre 80% e 90% dos novos casos de covid-19 estejam a afectar pessoas já com a vacinação completa (duas doses), mas tal não significa que as vacinas não estejam “a funcionar para o que foram criadas”, ou seja, prevenir a doença grave em consequência da infecção, frisa o professor de Microbiologia Miguel Prudêncio.

Os últimos dados divulgados pela Direcção-Geral da Saúde (DGS) dão conta de que esta sexta-feira se registaram 5649 casos de covid-19 e 22

mortes provocadas pelo vírus. Tanto o número de infecções como o de óbitos são os maiores registados nos últimos nove a dez meses. Já o número de internados desceu: nesta sexta-feira, existiam 879 doentes com covid-19 nesta situação, menos 23 do que na actualização anterior. Nos cuidados intensivos estavam 130 doentes, mais um do que na véspera.

O relatório das “linhas vermelhas”, publicado anteontem pelo Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (Insa), confirma “uma actividade epidémica de intensidade elevada, com tendência fortemente crescente a nível nacional”. “A pressão nos serviços de saúde e o impacto na mortalidade são moderados, mas com tendência crescente”, revela. Esta situação deriva da “redução da efectividade da vacina” na prevenção das infecções, que oscila agora entre os 40% e os 60%, explica o epidemiologista e membro da

Comissão Técnica de Vacinação, Manuel Carmo Gomes: “Ao fim de cinco meses, começa a verificar-se uma quebra nesta protecção” e tal levou a que “no princípio de Outubro se tenha passado a linha de 50% de infectados que estavam vacinados”, uma proporção que agora continua a crescer.

Quanto ao aumento do número de óbitos, tanto Carmo Gomes como Miguel Prudêncio referem que tal resulta da subida de casos: “Quando a infecção aumenta, o número absoluto de internamentos e mortes também cresce, embora a um ritmo mais lento e mais baixo.”

Evitar a doença grave

Mas o facto de a maior parte da população elegível já se encontrar vacinada faz com que tanto os internamentos como os óbitos estejam a níveis muito mais baixos do que os registados na mesma altura do ano passado, quan-

do ainda não havia vacinas. E isto acontece porque a protecção conferida pelas vacinas contra a doença grave continua “acima dos 85%”, explica Carmo Gomes.

Tomando como referência a situação existente a 1 de Dezembro, Miguel Prudêncio recorda os seguintes dados: os 4670 casos então registados são o dobro dos verificados na mesma data de 2020 (2400). Mas o número de hospitalizações desceu dos 3275 ocorridos há um ano para 841 e o número de doentes internados em cuidados intensivos passou de 521 para 166.

“É a prova de que as vacinas estão a funcionar para o que foram criadas”, sublinha o também investigador do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes. Que sublinha, a propósito, o facto de estas vacinas “não terem sido testadas para prevenir a infecção, mas sim a doença grave”, tendo a sua “taxa de eficácia”,

que “ronda os 90%”, sido avaliada com base neste parâmetro.

Para que não restem dúvidas sobre esta evidência, Miguel Prudêncio adianta que, sem vacinação, e com o número actual de casos registados, “estaríamos neste momento com mil pessoas nos cuidados intensivos”. Um estudo recente do Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças (ECDC, na sigla em inglês) dá conta de que as vacinas terão evitado, na região europeia, 470 mil mortes entre os que têm 60 ou mais anos.

O investigador considera que o aumento de casos de covid-19 já era “expectável no Inverno”, por ser esta a “época do ano em que há tendência para um número mais elevado de infecções provocadas por vírus respiratórios”.

Com base em “estimativas ainda muito preliminares”, Carmo Gomes aponta para a possibilidade de se verificar um “pico” entre os dias 10 e 14



de Dezembro e de se chegar “à altura do Natal com mais casos de infecção do que no ano passado, mas com muito menos hospitalizações”.

Dá também conta de que o $R(t)$, embora continue com um valor superior a 1, tem “estado a descer nos últimos dias”. Estima que o índice de transmissibilidade terá passado de 1,2 para 1,05 ou 1,06. Se a variante Delta continuar a ser dominante, como acontece agora, tal significa que a epidemia “está a desacelerar”.

A incógnita Ómicron

Mas há uma incógnita nesta equação que dá pelo nome de Ómicron, a nova variante do vírus SARS-CoV-2 detectada no mês passado na África do Sul e da qual existem 38 casos já registados em Portugal, segundo os dados agora publicados pelo Insa.

Um balanço recente do ECDC refere a existência de quase 170 casos confirmados na União Europeia. “Ainda é cedo para se saber se a Ómicron se vai tornar a variante dominante, substituindo a Delta”, alerta Miguel Prudêncio. Aliás, sobre a nova variante “ainda é cedo” para se avançar com expectativas tanto quanto à sua transmissibilidade como à sua carga patogénica, confirma Carmo Gomes.

Atendendo ao que se está a passar na África do Sul, onde só “24% da população foi vacinada”, a Ómicron parece ser “mais transmissível” do que a Delta. Em três dias da semana passada o número de casos naquele país mais do que duplicou, passando de 4400 para 11.500. Mas vai ser “preciso esperar para ver como esta variante se comporta na Europa, que tem muitos mais vacinados do que a África do Sul, mas que conta também com uma população mais envelhecida”.

Por agora, “parece que nos infectados com a nova variante já vacinados os sintomas são relativamente suaves”, prossegue Carmo Gomes, para dizer ainda o seguinte: caso se venha a confirmar que a Ómicron “é menos patogénica do que a Delta” e acabe por substituí-la, então o seu surgimento não será “necessariamente uma má notícia”, mas se, por acaso, for capaz de provocar doença grave, então teremos um problema sério”.

Estas dúvidas poderão já ficar dissipadas dentro de “duas ou três semanas”, que é também a expectativa apontada pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

“Não é certamente mais grave do que a Delta e talvez até seja menos”, adianta Miguel Prudêncio, com base nos dados já existentes. O investigador lembra a propósito a informação veiculada ontem pela OMS: ainda não foram detectadas mortes ligadas a esta nova estirpe do vírus. Por outro lado, frisa, “não há nada que mostre que as vacinas não sejam eficazes” também contra esta nova variante. **com Miguel Dantas**